

ÁRVORES DA PAZ

O filme *Árvores da Paz*, dirigido por Alanna Brown, é inspirado em fatos reais. É um tipo de filme que toca o mais fundo da alma, sentimos profundamente em nossos corações e precisamos compartilhá-lo, a fim de não o deixarmos morrer, honrando, assim, a vida dos seres humanos que tiveram suas vidas interrompidas barbaramente, sem sequer terem tido a mínima chance de se defender e ou de se proteger. Milhares de crianças não puderam nascer e crescer, muitas famílias não puderam criar e cuidar de seus filhos, muitos filhos não puderam viver no seio de suas famílias, com seus pais e seus familiares, muitos não puderam realizar seus sonhos. Em três meses, mais de um milhão de pessoas foram brutalmente mortas.

Esse filme lançado, em junho de 2022, na plataforma Netflix, traz cenas que chocam do início ao fim, fazem o corpo se contrair, o coração acelerar, quase saindo pela boca. É inacreditável e inimaginável até onde pode chegar a fúria e a crueldade das pessoas. Um misto de emoções e sentimentos vão sendo despertados e experienciados e, como se trata de uma história humana relativamente recente, algo te instiga a seguir adiante, pouco a pouco.

O filme retrata o genocídio que ocorreu em Ruanda, em 1994, após a morte do presidente da etnia ruandesa Hutu, Juvénal Habyarimana. O avião em que ele viajava sofreu um atentado e, pelo que se tem notícia, os Hutus suspeitaram dos Tutsis e então, revoltados, conclamaram a população a iniciar a barbárie (vale complementar essa experiência assistindo a *Hotel Ruanda*, lançado em 2005, com direção de Terry George).

As duas etnias, que se avizinham e mantinham um convívio aparentemente amigável, de repente transformaram o país em uma guerra sangrenta. O filme trata essa tragédia em um cenário claustrofóbico, pois se passa basicamente dentro de um quatinho subterrâneo de guardar mantimentos, o qual só pode ser aberto pelo lado de fora. Esse abrigo tem uma pequena abertura para a rua, para favorecer a ventilação e a luminosidade do local. Ali, quatro mulheres, de diferentes origens e religiões, foram escondidas às pressas, para não serem mortas. Elas vão sendo alimentadas, da melhor forma possível, pelo marido de uma delas, um professor, da etnia Hutu, que, do lado de fora, além de tentar ajudar a salvar pessoas, faz um esforço, arriscando a própria vida, para manter a sua esposa gestante de poucos meses e as outras três mulheres nutridas e com vida.

Esse é o ponto alto do filme, o qual gostaria de destacar, pois ninguém sabia quanto tempo duraria o massacre e por quanto tempo permaneceriam ali, naquele cubículo. Elas vão sobrevivendo com migalhas de comida, um pouco de água e uma dose de esperança, arrancada, muitas vezes, a fórceps para suportar aquele presente insano. Com o passar dos dias, naquele ambiente insalubre, as questões emocionais e as diferenças começam a emergir, e, em diversos momentos, experienciaram uma quase morte.

**ISABEL APARECIDA
MARTINS FERREIRA**

*Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF*

Curiosamente, todas traziam marcas profundas na alma, de histórias de vida duramente vividas, permeadas por muita dor, sofrimento e violência extrema, e que, de alguma forma, pareciam ter acomodado em algum lugar dentro de si, mas ali, diante daquele caos, e no decorrer dos dias, foram se permitindo narrar, se ouvir, se sentir, se acolher.

A manutenção da vida ali dependia da colaboração, da aceitação, do entendimento e do respeito às diferenças, caso contrário, havia o risco de nenhuma delas sobreviver.

No decorrer do processo, do encontro, do convívio, as máscaras foram caindo, os corações e os diálogos se abrindo, vínculos de confiança foram sendo construídos. Mesmo quando as palavras emudeciam, um mínimo de brilho no olhar, um toque, um abraço, enunciava um sinal de esperança e ninguém soltava a mão de ninguém. Assim os dias foram se passando, qualquer dia poderia ser o último, mas ninguém sabia quando.

As dificuldades de lidar com os próprios conflitos, e com os conflitos oriundos das relações com o outro, pareciam pôr em xeque as habilidades de cada uma e os rumos que poderiam construir naquele caminho tão incerto, melhor dizendo, naquele beco quase sem saída.

A vida ali dentro pulsava com muita intensidade. Além das ressonâncias internas por meio das experiências que comungavam, tinham que lidar com os ecos e os gritos que vinham do lado de fora, que se faziam presentes por meio da pequena abertura na parede. Pessoas sendo esfaqueadas, mulheres sendo estupradas, entre outras atrocidades humanas. Pela narrativa do filme, foram 81 dias ali, naquele cenário. Sobreviveram a duras penas.

Na medida em que fui assistindo, fui me perguntando: Onde eu estava em 1994? O que eu estava fazendo? Pois não me recorro de ter visto noticiários, ou o que quer que seja naquela ocasião, que me chamasse a atenção para tamanha tragédia.

O filme revela uma das maiores barbáries e a crueldade humana, contudo me convidou a refletir sobre a força e a capacidade de resiliência que existe em cada ser humano, e a sua capacidade de transformação.

Aprender a lidar e aceitar as diferenças, acolher e ser persistente pela vida e com a vida, são posturas que poderão nos levar a um futuro mais rico e promissor em todos os sentidos. Muitas vezes, temos vontade de soltar as mãos, mesmo diante de situações de dor e desespero, mas juntos somos mais fortes e precisamos cada vez mais promover atos que disseminem e desenvolvam a paz, a esperança e o amor.

Na vida diária, é um pouco dessa força que precisamos carregar, é dando as mãos e segurando nas mãos uns dos outros que vamos conseguir superar uma vida com muitos desafios.

Os efeitos do genocídio ainda estão longe de acabar, mas hoje, neste instante, eles seguem trabalhando na busca de dias melhores. Os ruandeses honram as suas histórias e valorizam a sua cultura e os legados que os seus entes queridos lhes deixaram. Eles dançam e cantam seus costumes, sua arte, o seu presente e buscam sublimar o seu passado. Gostam de usar roupas coloridas, estampar um sorriso no rosto, são acolhedores e afetivos. Pude me emocionar ao realizar uma visita, recentemente, ao país, em agosto de 2022, quando participei de uma conferência.

Os desafios de trabalhar e lidar com os perpetradores do genocídio segue tendo o apoio do governo por meio de políticas locais inovadoras. Foi criado o IBUKA (que significa lembrar). O IBUKA é uma Associação Nacional de Sobreviventes do Genocídio em Ruanda, esse serviço, integrado por sobreviventes do genocídio, é formado por conselheiros de trauma e por advogados assistenciais, que atendem as pessoas e lhes oferecem escuta e suporte necessário, para que elas possam seguir adiante,

para construir e reconstruir suas vidas. Contam também com o apoio do Dulwich Center Foundation International, da Austrália, berço da Terapia Narrativa, juntos eles realizam um trabalho grandioso, à luz das Práticas Narrativas e da Terapia Narrativa.

Depois de assistir a Árvores da Paz, pode ser que você fique mais forte, que desperte ainda mais o amor e a esperança em seu coração. Comigo aconteceu um pequeno milagre e entendi que nos curamos por meio dos encontros, das conversas coletivas, do amor e do respeito mútuo.

Em Ruanda, as mulheres conquistaram muitos espaços na política, muito embora, ainda sofram os impactos dessa tragédia. Mas não desistem de lutar, de acreditar, de ter e construir esperança e disseminá-la, além de buscar o perdão e perdoar.

Eu estou levando a força e a esperança daquelas quatro mulheres, acreditando que podemos colaborar com a construção de um mundo melhor, mais humano, com mais amor, respeito e esperança.

Enquanto finalizo esse texto, me sinto tocada por uma profunda emoção, e me recordo das palavras de bell hooks (2021, p. 237), quando ela diz:

o amor cura. Quando somos feridos nos espaços que deveríamos conhecer o amor, é difícil imaginar que o amor realmente tenha o poder de mudar tudo. Não importa o que tenha acontecido em nosso passado: quando abrimos nosso coração para o amor, podemos viver como se tivéssemos nascido de novo, sem esquecer o passado, mas vendo-o de uma forma nova.

Contudo, e quanto a nós, terapeutas, o que podemos aprender com as pessoas que nos procuram trazendo essas histórias carregadas de dor, sofrimento e desesperança, que tiveram os seus valores e a sua dignidade amplamente violada? Como lidamos tanto com quem sofre quanto com quem é o autor, perpetrador da ação? O que podemos valorizar e privilegiar nesses encontros? Que tipo de diálogo podemos empreender, que se abra para um caminho colaborativo, em que o cliente é o especialista da história que carrega? Com a intenção de enriquecer um pouco mais essa reflexão, me recordo de uma fala de Michael White (2012, p. 52), na qual ele diz: “quando o terapeuta atribui a si a autoria desse modo, a porta para a colaboração se fecha, e o profissional cai na armadilha de se sentir sobrecarregado e exaurido, enquanto as pessoas que o consultam se sentem impotentes”.

REFERÊNCIAS

- hooks, bell. (2021). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
White, Michael. (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Porto Alegre: Pacartes.

ISABEL APARECIDA MARTINS FERREIRA

Assistente Social; Terapeuta de Família, Casal e Comunitária; Certificação Internacional em Práticas Colaborativo-Dialógicas; Diálogo Aberto; Praticante da Terapia Narrativa; Integrante da equipe de Terapia Comunitária do NOOS-SP; Membro da Diretoria Executiva da Associação Paulista de Terapia Familiar-APTF (2022-2025); Colaboradora da Rede de Atenção Psicossocial-RAPS; Atua em Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil-CAPSIJ e Consultório.

<https://0000-0003-4245-6906>

E-mail: bel.27.ferreira@gmail.com